

# CARTOGRAFIA SOCIAL NA TERRA INDÍGENA LAKLÃNÕ/XOKLENG

(José Boiteux – Santa Catarina)

Marina Pinho Bernardes<sup>1</sup>

Aquiles Carrion dos Santos Schluter<sup>2</sup>

Leonardo Paolini<sup>3</sup>

Vougce Vaipão Camlem<sup>4</sup>

Douglas Ladik Antunes<sup>5</sup>

## RESUMO

A cartografia social é um processo participativo, onde grupos sociais promovem a autcartografia de sua comunidade, representando seu modo de vida, conflitos territoriais e ambientais, com o amparo de associações, coletivos e universidades. Desta forma, os trabalhos de pesquisa e extensão, na Universidade do Estado de Santa Catarina, tiveram como prioridade oferecer assessoria ao mapeamento participativo da Terra Indígena Laklãnõ/Xokleng, localizada no município de José Boiteux – SC. O mapeamento é fundamentado nas memórias dos anciões indígenas, onde nas “expedições” retratam como o território era antes da construção da Barragem Norte. Através do *GPS - Global Positioning system*, coletou-se pontos de moradias, pomares, locais de criação de animais, lugares sagrados e históricos que foram tomados pelas cheias da barragem, estes são especializados com o auxílio do QGIS, um *software* livre. Por meio da produção dos mapas, ainda em fase de desenvolvimento, e pelas observações apontadas pela comunidade indígena, está sendo possível constatar que o modo de vida da mesma foi modificado com a construção da barragem, problema este, que persiste até os tempos atuais. Os produtos cartográficos, frutos deste mapeamento colaborativo, visam auxiliar na defesa dos direitos territoriais e afirmação da identidade indígena.

**Palavras-chave:** Cartografia Social; Mapeamento Participativo; Territórios Indígenas; Software Livre; QGIS

## INTRODUÇÃO

A Cartografia Social Participativa ocorre quando comunidades ou grupos tradicionais produzem sua autcartografia, de forma participativa, podendo ter

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Bacharelado em Geografia, na Universidade do Estado de Santa Catarina (marinapbernardes@gmail.com).

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Bacharelado em Geografia, na Universidade do Estado de Santa Catarina (aquilessch@hotmail.com).

<sup>3</sup> Acadêmico do curso de Bacharelado em Design Gráfico, na Universidade do Estado de Santa Catarina (leonardopaolini@icloud.com).

<sup>4</sup> Professor da Escola Indígena Laklãnõ e morador da Terra Indígena Laklãnõ/Xokleng, em José Boiteux – SC (vougce@gmail.com).

<sup>5</sup> Professor Adjunto do Departamento de Design, do CEART/UDESC e professor efetivo do PPGPLAN/FAED/UDESC. (douglasladik@gmail.com).

auxílio de grupos de fora da comunidade, como universidades, associações, coletivos, entre outros. 'Quando as comunidades pensam em fazer sua própria cartografia, elas não estão pretendendo simplesmente retratar o espaço físico, mas afirmar seus modos de vida' (ACSERALD, 2010, p. 5).

O mapeamento participativo na Terra Indígena Laklãnõ/Xokleng, localizada em sua maior extensão no município José Boiteux, em Santa Catarina, faz parte do Projeto de Pesquisa "Cartografia Social: Aspectos Metodológicos e Criação de Sistemas de Representação<sup>6</sup>" e do Programa de Extensão "O Sentido do Olhar: Os Usos Sociais do Desenho". Este trabalho iniciou-se em 2014 e foi retomado no ano de 2018 para futura finalização.

O modo de vida da comunidade indígena Laklãnõ vem sendo profundamente afetado pela ação da Barragem Norte<sup>7</sup>, e desde então, põe em risco a continuidade das práticas tradicionais da comunidade. Moradias, pomares, locais de criação de animais, a pesca, locais sagrados e históricos foram comprometidos pelo funcionamento desta barragem, de modo que só continuam viventes nas memórias dos ancestrais indígenas.

Logo, a Cartografia Social na Terra Indígena Laklãnõ, tem como objetivo dar visibilidade ao modo de vida tradicional, fundamentalmente no período histórico em que viviam nas margens do Rio Hercílio (de 1914 à 1982), e demonstrar os impactos negativos da barragem, tanto às práticas indígenas, quanto ambientais. A partir da produção de mapas, pretende-se dar evidências a estes problemas, tal como funcionar como uma ferramenta para a defesa dos direitos tradicionais, principalmente os direitos indígenas.

## **MÉTODOS**

A Cartografia Social na Terra Indígena Laklãnõ/Xokleng teve início em 2014, e seu desenvolvimento ocorreu em três fases distintas: a primeira fase foi constituída de encontros participativos os quais se basearam em discussões sobre as bases cartográficas e imagens de satélite. A segunda é denominada como "expedições", consistiu em saídas de campo pela terra indígena, principalmente a margem esquerda do Rio Hercílio, obtendo coordenadas e observações dos pontos

6 Projeto pertencente ao Grupo de Pesquisa e Práticas Interdisciplinares em Sociabilidades e Territorialidades - PEST, com apoio do PPGPLAN, ambos da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

7 Construída entre a década de 1970 e 1980.

que retratam a história da comunidade. E a terceira etapa consistiu em reuniões na barragem para a elaboração de mapas que fossem utilizados para negociações e junto aos órgãos responsáveis: Secretaria de Defesa Civil de Santa Catarina e a Funai<sup>8</sup>.

Diante destas etapas, foram criados três produtos cartográficos: mapa das áreas de risco da barragem; mapa correlacionando as áreas de uso da barragem e as áreas de uso tradicional da comunidade, junto ao canal extravasor; e o Mapa da Memória preliminar da comunidade, onde foi mapeado apenas parte da margem esquerda do rio Hercílio.

No ano de 2018, retomamos o projeto com o intuito de finalizar o Mapa da Memória, mapeando o restante das margens do rio Hercílio e investigando as formas de abordagem deste tema vinculado à educação indígena. Para concluir este mapa, ainda em andamento, é necessário ir a campo e, com o auxílio do GPS (*Global Positioning System*), coletar as coordenadas dos pontos em que os anciões consideram como fundamentais para retratar sua tradicionalidade, sendo entre eles, residências antigas, pomares, locais de criação de animais, cemitérios, entre outros.

Com o propósito de incluir os jovens da terra indígena na cartografia social, planejamos aulas na escola indígena com a temática cartográfica. Iniciando com conceitos básicos de mapas, projeções, noção de escala cartográfica, orientação, e assim, evoluindo o conteúdo à definição de cartografia social, evidenciando a metodologia do projeto em andamento na terra indígena, os produtos cartográficos e os resultados que isto poderá gerar à TI.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Primeiramente, é importante destacar que os resultados são preliminares, pelo fato do projeto se encontrar em andamento. Durante os campos feitos, pode-se perceber que aspectos do modo de vida da comunidade foram modificados pela implementação da Barragem Norte. A comunidade possuía moradias, roças e criações de animais localizadas nas proximidades do rio Hercílio, porém, com as cheias provocadas pela barragem, o povo indígena (no período estudado de 1914 à 1982 o grupo era predominantemente da etnia Laklãnõ/Xokleng, com algumas poucas famílias da etnia Kaingang) foi obrigado a abandonar suas casas e irem

<sup>8</sup> Fundação Nacional do Índio (Funai).

morar a montante do rio. A Estrada Velha, utilizada pelos indígenas antes da barragem, também foi comprometida pelas enchentes.

As novas estradas precisaram ser construídas acima da cota de 310 metros, porém devido ao relevo, muitas partes ficaram inferiores à esta cota, resultando, em momentos de enchentes, a inundação das mesmas. Logo à entrada da Terra Indígena, parte da estrada foi construída abaixo da cota de inundação, o que resulta no isolamento de toda a porção de terra à margem direita do Rio Hercílio. Isto afeta as aldeias, até hoje, gerando o isolamento na entrada da TI e de umas em relação às outras. Atualmente, a Terra Indígena encontra-se organizada em nove aldeias, sendo que na Aldeia Bugiu, a mais afastada, residem algumas famílias da etnia Guarani Mbyá.

As áreas de caça e pesca e outras práticas tradicionais da comunidade foram reduzidas devido ao assoreamento do rio Hercílio, assim como ocorreu a perda dos antigos locais de subsistência, plantio de roças. Os cemitérios e lugares sagrados, cujos remetiam a comunidade, um valor simbólico ao território também foram tomados pelas enchentes provocadas pela barragem. Antigos locais de caça, coleta de pinhão, palmito e outros recursos encontram-se fora das demarcações da Terra Indígena homologada (14.000 Ha).

Segundo o professor Sílvio Coelho dos Santos<sup>9</sup>, em entrevista gravada, em 1994, a construção da Barragem Norte não ocorreu para conter as cheias do rio Hercílio e, conseqüentemente, para a proteção dos povos ao longo do Vale do Rio Itajaí. Sua real motivação foi a intensificação de extração de madeira<sup>10</sup>. Por mais polêmica que seja sua afirmativa, de fato a extração de madeira se intensificou, visto que a construção da estrada acima da cota de inundação permitiu o escoamento de madeira nas regiões de maior altitude da TI. Atualmente, é possível observar a inúmeras áreas de reflorestamento em partes da terra indígena (TI) e próximas a ela.

9 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wm6-Mbf1QoA&t=414s>

10 Nessa perspectiva, pode-se perceber que para o sistema capitalista, a terra possui um valor de “troca”, sendo vista como uma mercadoria, contrapondo-se ao valor que as comunidades tradicionais remetem às suas terras, a qual possui um valor de “uso”, simbólico, sendo reconhecida como um bem comum. (Martins, 1991 apud Bernardes, 2017, p. 24).

## REFERÊNCIAS

ASCELRAD, Henri (Org.). **Cartografia social e dinâmica territoriais**: marcos para o debate. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2010. 222 p.

BERNARDES, Marina P. **Areais da Ribanceira em disputa**: comunidade tradicional e o desenvolvimento recente de Imbituba - SC. 2017. 147 f. TCC (Graduação) – Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade de Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000048/00004865.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

OS CAFUZOS do Rio Laisz, um documentário etnográfico em vídeo. Coordenação de Marilda Gonçalves da Silva e Alessandra Schmitt. Realização: Apoio FUNAPES e CNPQ. Blumenau: SPTV - FURB, 1995. Vídeo (14 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wm6-Mbf1QoA&t=414s>. Acesso em: 24 ago. 2019.